

HISTÓRIA E IMAGEM: AS VERSÕES DISTINTAS DO MITO MEXICANO

MALINCHE

Walquíria Rodrigues Pereira
UFRJ/CAPES

RESUMO

A finalidade deste estudo, ainda em desenvolvimento, é observar a imagem, sobretudo iconográfica, do mito mexicano Malinche, considerada por alguns como mãe fundadora da nação mexicana, de acordo com a proposta dos estudos pós-coloniais e observá-la dentro da concepção de história trazida por Peter Burke (1992) e da caracterização da imagem defendida por Serge Gruzinski (1990), para refletir, de maneira questionadora, as distintas versões construídas de sua figura e constatar as marcas deixadas pela colonialidade epistemológica sobre a mulher indígena, além de resgatar parte do patrimônio cultural mexicana, através de documentos como Códices e Lienzos, a exemplo do Lienzo de Tlaxcala, ao colocar em cheque a visão da imagem e do papel desempenhado por Malinche diante de encontro entre as culturas indígena e europeia. Pensando em como a identidade é formada e transformada (Hall, 2015), é possível refletir como história e imagem são passíveis de transformação e (re)construção a partir da presença das ideologias hegemônicas que permeiam esses conceitos e influenciaram (influenciam) a figura da mulher, pois como assevera Joan Scott (2011, p. 80) “[...] reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como ‘verdadeiros’, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado.” As reflexões propostas estarão ancoradas nos seguintes estudos críticos: Serge Gruzinski (1990); Peter Burke (1991); Gordon Brotherston (2001); Silvina Carrizo (2005); Martha Robles (2019); entre outros estudos que atravessaram o trabalho.

Palavras-chave: Malinche, História, Imagem, Lienzo de Tlaxcala, Estudos pós-coloniais.

“Malintzin é, a rigor, a verdadeira semente da palavra mestiça, com a qual se construiria um novo alfabeto de sangue e de fogo.”
(ROBLES, 2019, p. 295)

Introdução

Desde o primeiro contato com a universidade, que marca o início do ciclo de nossa vida acadêmica, somos levados a nos questionar e a compreender os fatos da história como indivíduos modificados e transformados por ela. A literatura nos faz refletir sobre personagens históricos, acontecimentos, documentos e textos literários e/ou de diversos gêneros. Desse modo, surgiu ainda na graduação, o interesse por essa temática. Por meio de discussões e intensas reflexões em grupo de pesquisa nos deparamos com a importância de refletir sobre a história e como, em muitas ocasiões, ela precisa ser relida sob um ponto de vista distinto do oficial.



Através dessa perspectiva a figura da indígena Malinche me instigou, gerando um interesse que surgiu na graduação e me acompanha, ainda hoje, no mestrado. O estudo sobre o mito mexicano Malinche proporciona margem para análises que dialogam com as diversas áreas do conhecimento. Seria praticamente impossível pensar nessa mulher indígena e não pensar nos termos que a permeiam como a questão do colonialismo, da mestiçagem, do encontro de culturas, dos estudos de gêneros, do imaginário popular, do nacionalismo mexicano, etc.

A imagem de Malinche na historiografia mexicana foi construída sob alcunha de traidora e amante do ‘conquistador’ Hernán Cortés, a mulher responsável pela dizimação de seu povo, a que o recebeu com animosidade. Essa imagem pode está associada à memória, como a representação presente de uma coisa ausente. No caso dos mexicanos, o sentimento da ausência de uma origem, de uma mãe digna de ser originária de sua nação.

Em *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos* (2010), Raquel Souza propõe uma reflexão acerca de memória e imaginário. A autora afirma que memória é imaginação, ao enfatizar que as imagens são bem plantadas, fixadas em nossas memórias e que foram moldadas pelos relatos de outros. A imagem visa abranger um passado, sendo produzida pelo sentido.

Levando em consideração que a memória traz para o presente as imagens do passado. Concordo com a autora em sua colocação sobre a memória ser um movimento. Isto é, o movimento que anima a imagem e a faz deslocar-se no tempo “de pretérito para o presente”.

É justamente esse movimento da memória que torna tão importante o revisitar e o revisar a imagem de Malinche. Sua memória na história do México precisa ser vista além da imagem da mulher que condenou sua nação. Malinche atuou entre dois mundos, entre duas culturas, sua defesa foi o dom da palavra, mas pouco se sabe sobre sua vida, além do papel desempenhado e dos adjetivos pejorativos atribuídos.

Malinche, Doña Marina, Malintzin, Malinalli...

É possível refletir sobre o contexto em que Malinche viveu, de acordo com a maioria dos cronistas, que relatam que ela foi uma indígena nascida na região do golfo do México, e



que durante o período da conquista do México, que está mais para invasão, foi usada pelos conquistadores espanhóis como intérprete.

É comum encontrar relatos de sua vida que mostram que ela era natural de Painalla e que foi entregue pela própria mãe, após ficar viúva e contrair novo matrimônio, a vendeu aos índios de Xicalango, pois não queria que um novo herdeiro dividisse o cacicado.

Sendo assim, seu encontro com Cortés se deu pela chegada dos conquistadores. Por volta de sua adolescência, foi vendida, novamente, agora para a tropa de Hernán Cortés e foi batizada de acordo com o catolicismo sendo conhecida por Doña Marina. Mais tarde, deu à luz a um filho com o colonizador: Martín, que é a representação simbólica do primeiro mestiço, categoria renegada pelos mexicanos através da associação com a violência e com a entrega aos espanhóis.

Seu talento logo foi destacado, pois possuía uma grande habilidade linguística pela facilidade em aprender idiomas. Fato que permitiu sua atuação ao lado do clérigo espanhol Jerónimo de Aguilar, que era tido como intérprete e devido a sua convivência com os indígenas falava maia, mas não náhuatl. Malinche entrou em cena, porque falava em náhuatl com os nativos, traduzia em maia para Aguilar, que repassava em castelhano para Cortés. Após adquirir conhecimento em castelhano, a atuação de Aguilar tornou-se obsoleta e a indígena tornou-se a intérprete de destaque nesse conflito histórico.

Diante disso, considero que Malinche foi usada e tratada como objeto desde pequena, pois três acontecimentos marcam a trajetória dessa mulher: a) foi vendida por sua mãe, após novo matrimônio e para evitar conflitos familiares; b) foi vendida pelos indígenas, visto que foi dada de presente com outras indígenas para as tropas de Cortés; c) foi usada por Hernán Cortés durante a invasão do México, como peça estratégica de instrumento linguístico. Considero também, que Malinche foi triplamente usada: por sua família, por seu povo e pelo conquistador. Logo, resta a indagação se seria condescendente atribuir o título de traidora a mulher que foi primeiramente traída.

É preciso revisitar a imagem do passado colonial

Como dito anteriormente, pensar na imagem de Malinche é refletir sobre diversos aspectos e conceitos. Sua figura está intrinsecamente relacionada com a imagem do México

contato@xicongressohispanistas.com.br



Colonial, isto é, os espaços de sangrentas disputas territoriais, chamado por Pratt (2010) de zona de contato. Nesses espaços, as relações de poder baseavam-se em coerção e conflito sob geografia e história, capazes de definir poder, espaços e narrativas, além de influenciar povos e culturas.

De acordo com essa perspectiva, concordo com a socióloga mexicana Martha Robles (2019) no afirmar de que antes de ser La lengua, Malinche foi escrava. Uma mulher sem liberdade, que conhecia apenas a servidão de seu amo, e vou além – a servidão de vida, por ter tido outros amos e não ter tido a autonomia sobre suas ações e/ou palavras. Ela possuía uma voz que não era sua. Pois não podia usá-la para benefício próprio. Logo, pode-se pensar que sua transformação em concubina de Cortés e mãe de Martín implica em uma estratégia nada mais que política para exigir confiança e lealdade. Isto é, através de laços de intimidade, Malinche estaria vinculada ao conquistador e nunca o trairia. Logo, seu uso seria vital e sem riscos para estabelecer acordos estratégicos pela comunicação.

Malinche é a mãe mestiça da nação mexicana. É a personificação da origem da mestiçagem. De acordo com as considerações proposta por Silvina Carrizo (2006, p. 261), a mestiçagem é fruto do choque com o diferente firmado na biologia e desenvolve-se pela sociedade por meio de artifícios discursivos e práticas políticas, atingindo seu auge ao anunciar-se como característica identitária de um povo, nação ou continente. Porém, é preciso pensar além e discutir o termo e os sujeitos envolvidos por ele.

Assim, como na figura de Malinche, o termo transcende o aspecto biológico. Malintzin dá à luz ao filho mestiço, como outras indígenas o fizeram, muitas vezes por violações, mas a presença da mestiçagem está também em suas palavras, na língua, no interpretar, atuando no centro desse híbrido de culturas através de um novo espaço. Malinche é o elo entre dois mundos, como enfatiza Robles na citação introdutória desse trabalho, é a semente da palavra mestiça.

É válido unir as discussões sobre a imagem de Malinche com as considerações propostas por Peter Burke (1992). O autor propõe, se deslocando contra as ideias positivistas, uma reflexão sobre a nova história. De acordo com essa perspectiva é necessário questionar as fontes oficiais escritas, como, por exemplo, as próprias crônicas de conquistas e outros documentos oficiais, ao refletir sobre a produção dos fatos, a história contada apenas sob uma perspectiva. Levantando a seguinte questão: “O que é considerado verdade?”



Esse questionamento nos possibilita ouvir e analisar a chamada “história vista baixo”. De acordo como o pesquisador, seria a análise do ponto de vista dos denominados “mais comuns”, das pessoas populares que foram afetadas pela história, em contrapartida dos relatos daqueles que ocupam posições de destaque social e política e que são, geralmente, os narradores da história. Levando em conta que a história tradicional é política, centrada nos grandes homens, mais preocupada com a narrativa, baseadas em documentos oficiais, que podem ser limitados.

Essa perspectiva nos proporciona um novo olhar sobre os objetos de estudos, levando em consideração vários elementos da “microhistória”, isto é, sob a ótica de como pessoas, realidades, culturas, sentimentos, podem influenciar a compreensão sobre o sujeito segundo a representação histórica.

Através de um olhar analítico sobre história e representação, é possível entender que o México colonial é repleto de representações culturais. Esse fato é entendido não só com a chegada dos espanhóis na mesoamérica, mas no próprio intercâmbio que era feito entre espanhóis e indígenas. Segundo Gruzinski (1990), a “guerra das imagens”, já se estabelecia na troca de imagens, de ídolos com a finalidade de moldar os indígenas e colonizá-los, impondo a sua imagem como a mais valiosa e verdadeira.

Essa substituição imposta, como exemplo, da mãe Tonantzin pela Virgem de Guadalupe, levava os indígenas a mascararem essas imagens, fundi-las com as suas, adorá-las em público, mas em particular continuarem com suas crenças e práticas. Gruzinski afirma também que a imagem pode estar relacionada com aspectos políticos, ideológicos e socioculturais. Isto é, um projeto de poder a ser executado sobre os vencidos, na época colonial até os dias de hoje.

As imagens coloniais presentes nos códices e lienzos formam um processo de resistência no qual os indígenas utilizaram sua herança cultural para enfrentar as imposições do poder colonizador. Ao revisitar esses símbolos e imagens por meio de uma visão questionadora da história rompemos com a perpetuação da histórica de viés hegemônico. As imagens coloniais, assim como a de Malinche, atuam como resultado do discurso político com significados distintos para o público indígena e para o espanhol.



A História das Imagens

Considerando as diferentes significações e intenções entre os discursos políticos do público indígena e europeu durante a fabricação das imagens coloniais, ressaltamos o Lienzo de Tlaxcala, produção indígena do século XVI. O lienzo é conjunto de manuscritos pictográficos que narram a participação dos tlaxcaltecas como aliados dos espanhóis na conquista e no combate a outros povos vizinhos.

Seu objetivo era o instrumento político de uma longa e organizada campanha. Por isso, foram confeccionados três originais: o primeiro destinado ao rei da Espanha, Carlos I; o segundo ao vice-rei, representação do rei nas terras americanas pelo vice-reinado; e o terceiro ao Cabildo de Tlaxcala, uma espécie de unidade administrativa, como as atuais câmaras municipais.

Devido a sua intenção política e estratégica, foi criado para ser apresentado aos espanhóis. O discurso presente nas imagens era destinado aos dois públicos: para os governadores indígenas, para mostrar a continuidade, a força das elites e da tradição indígena; e para os espanhóis, para demonstrar a legitimidade dessas elites indígenas de Tlaxcala perante as autoridades coloniais espanholas.

Assim, nota-se a presença de elementos, imagens significativas das duas culturas: povos, vestimentas, paisagens, escrita, imagens, insígnias, deuses, etc. Com isso, os tlaxcaltecas buscavam demonstrar a sua importância para a vitória espanhola, reafirmando a obtenção de privilégios prometidos pelo governo do vice-reinado e da Coroa Espanhola. Isto é, o documento pode ser visto como uma espécie de proteção, uma prevenção para não ter o mesmo destino de outras nações indígenas que foram dizimadas pelos europeus.

Observando as folhas do lienzo, em algumas, encontramos a presença da indígena e intérprete Malinche, atuando na comunicação entre Cortés e os indígenas. Segue, abaixo, algumas lâminas principais que apresentam a atuação dessa mulher indígena junto com outras figuras e elementos que marcaram parte do confronto colonizador tão violento, que fez parte da história do México Colonial.



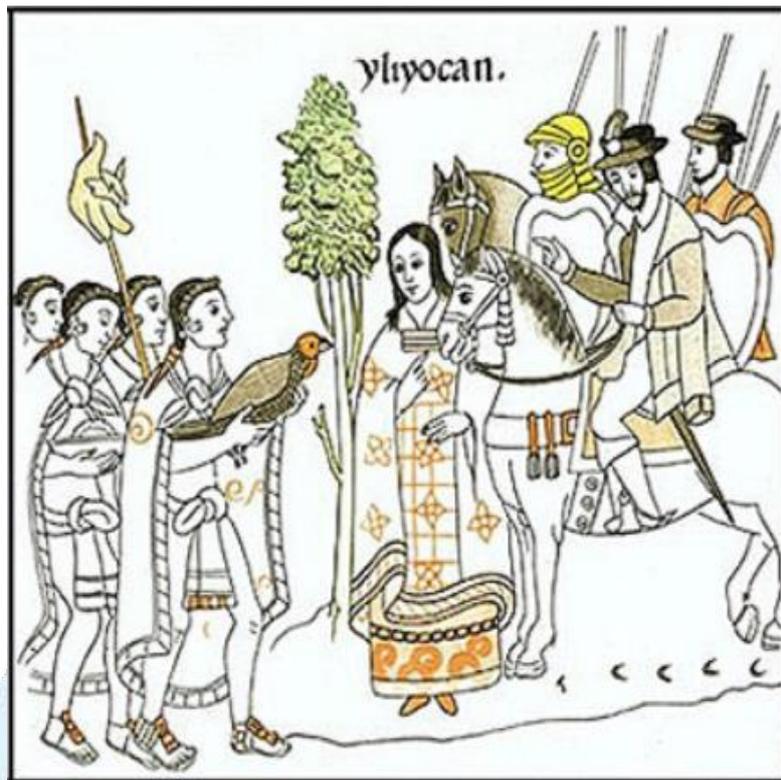


Figura 1: Lienzo de Tlaxcala. Indígenas oferecendo presentes a Malinche e Hernán Cortés

Nessa imagem, é possível ver Malinche no que poderia ser considerado o início de sua interpretação nesse contexto de lutas e alianças em Tlaxcala, pois seu papel é de destaque: no centro da imagem, num tamanho proporcional, ela atua entre as duas culturas fazendo a ligação entre os mundos. Sua interpretação é marcada pelos gestos de suas mãos, o dedo indicador estendido indica a fala e a tradução. Também, identificamos o intercâmbio de objetos, mencionado por Gruzinski, visto que, os indígenas presenteiam os espanhóis, que parecem chegar como descritos na profecia de Quetzalcóatl e montados em seus cavalos. Malinche é representada com vestes indígenas características e repleta de detalhes. A presença de uma árvore indica que o encontro foi num espaço aberto, que conota uma ideia de chegada, um primeiro encontro. Há a presença de elementos indígenas e europeus registrados nesse contato inicial, destacando as duas culturas, visto pelas vestes e acessórios indígenas em contraste com as roupas, cavalos e armamento espanhol composto pelas armaduras, capacete, lanças e escudos.



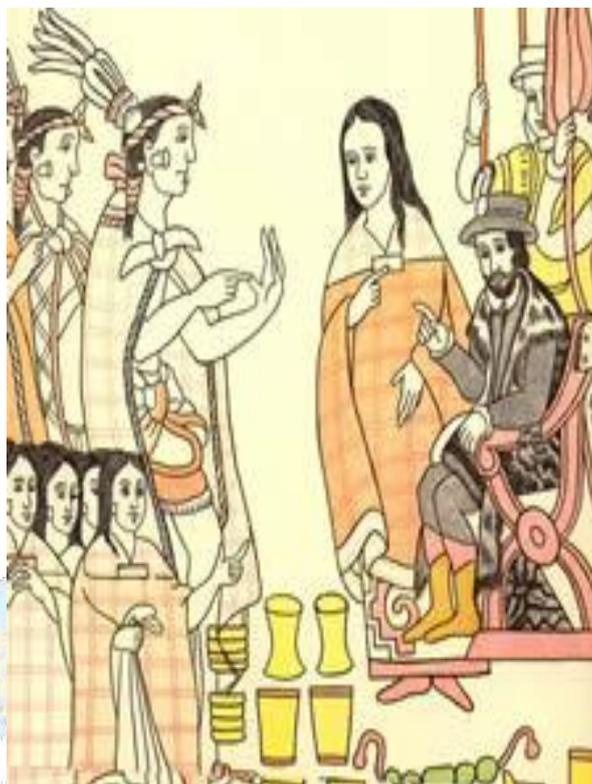


Figura 2: Lienzo de Tlaxcala. Reunião entre Cortés e os quatro hierárquicos de Tlaxcalteca.

Observando essa lâmina, que relata a reunião entre Cortés e os quatro líderes de Tlaxcala, Malinche aparece ainda como tradutora, com os gestos característicos da interpretação. Apesar de sua figura ainda possuir tamanho proporcional, ela está posta mais ao lado de Cortés e levemente afastada durante a comunicação, que parece ser importante e intensa, devido ao fato das duas figuras masculinas principais estarem, ao que parece, disputando a palavra. Nota-se a presença de outras mulheres na cena, que provavelmente estão a serviço do encontro ou poderão ser dadas em favor de alianças, costume muito comum nesse período. Isso pode ser percebido pelo tamanho e o destaque dados a essas mulheres: estão no canto inferior da imagem, nem todas aparecem, pois algumas são cortadas, uma tem suas mãos entrelaçadas e outra leva um tipo de tecido nas mãos, que pode indicar que elas estariam ali para servir, visto que, a cena como o título indica, apresenta uma reunião marcada pela fala e tomada de decisões de homens, onde somente Cortés está sentado. No chão, encontram-se alguns utensílios que podem fazer parte da prática de intercâmbio bem comum durante os encontros.





Figura 3: Lienzo de Tlaxcala. Cuauhtémoc rendeu-se a Hernán Cortés em Tlatelolco.

Ao atentar para a imagem acima, fica nítida a participação e o apoio dos tlaxcaltecas na conquista sobre as outras nações indígenas. Aqui, um dos últimos governantes de Tenochtitlán, Cuauhtémoc, rende-se a Cortés. Durante esse fato, Malinche encontra-se atrás do conquistador e parece mais ouvir que interpretar. Ela parece não ter espaço, palavras e gestos para interferir no momento de triunfo de Cortés. Os quatro hierárquicos de Tlaxcalteca também estão presentes, no canto superior da imagem, e os soldados tlaxcaltecas são responsáveis pela escolta do último governante até Cortés, que o recebe numa espécie de trono. As vestes, armas e escudos são repletos da simbologia indígena, em algumas delas encontramos símbolos de cruz, que era um dos traços da evangelização da coroa sobre os indígenas, mostrando o apoio deles a ela. O destaque, a quantidade e o modelo das penas diferenciam uma nação indígena da outra, além dos aliados. Malinche parece está em segundo plano nessa situação de comunicação, visto que Cortés está à frente recebendo os créditos por essa rendição, que contabiliza mais uma vitória.





Figura 4: Lienzo de Tlaxcala. Reunião de Cortés e Montezuma.

O resultado da aliança da Coroa Espanhola com os Tlaxcaltecas chega ao ápice com a caída de Tenochtitlán. A imagem acima marca a entrada de Cortés na cidade, em 1519. Malinche também não ocupa o lugar central da cena de comunicação, está posta atrás de Cortés interpretando, como mostra o sinal de suas mãos. Assim como nas duas imagens anteriores, suas roupas e traços são mais simples. Assim como os tlaxcaltecas, ela parece apoiar as ações da conquista, sendo retratada como aliada do conquistador, devido a sua disposição na imagem. Não se vê a presença de um exército, apenas Cortés e Malinche estão diante de Montezuma, e seus aliados, durante o encontro. Animais dividem a cena como uma espécie de ofertas e presentes, um tipo de punhal paira sob o ar entre Montezuma e Cortés, marcando uma tensão e uma disputa, que pode ser relacionado ao fato dos dois estarem sentados num tipo de trono, quando poderia apenas um comandar a cidade. Além disso, uma mão no canto superior direito resgata a simbologia imagética do catolicismo, através de uma mão que abençoa esse encontro, ou justifica o próprio ato violento da tomada da cidade.

Hipóteses

Após as reflexões é possível salientar que o destaque de Malinche nas imagens tlaxcaltecas ocorre somente quando suas habilidades lingüísticas são necessárias para acordos políticos, depois disso, sua figura parece perder espaço e atenção. Para cada objetivo



que foi alcançado, sua imagem parece perder a relevância e o destaque na cena de comunicação. Ela pode não ser vista como traidora de seu povo, mas reflexo da servidão que envolvia mulheres, nobres ou humildes de nascimento e de um povo que se aliou para autopreservação.

Apesar do domínio de três línguas, Malinche não foi capaz de usufruir da língua da liberdade. Seu talento não foi usado para si, já que, a palavra que foi capaz de unir dois mundos não conseguiu ser a mesma para livrá-la da servidão. Malinche e os tlaxcaltecas, mesmo ao lado dos espanhóis, ainda estavam sob a violência e o medo produtos do colonialismo, pois atuavam para resguardo próprio, pela preservação de vida e liberdade. Logo a produção do Lienzo de Tlaxcala funciona como uma garantia, um lembrete bem produzido em três cópias, da aliança perante a Coroa Espanhola, como forma de sobrevivência e proteção, o contrato de liberdade após a devastação de povos, línguas e culturas.

REFERÊNCIAS

BROTHERSTON, Gordon. *La Malintzin de los códices*. In: GLANTZ, Margo (Coord.). *Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Santillana, 2001.

BURKE, Peter. *A História dos acontecimentos e o novo renascimento da narrativa*. In: _____. (Org.). *A escrita da história novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2011. [1991]

CARRIZO, Silvina. *Mestiçagem*. In: Figueiredo Eurídice (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GRUZINSKI, Serge. *A guerra das imagens: de Cristovão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. [1990]

LIENZO DE TLAXCALA. *Pueblos Originários*. Disponível em: <https://pueblosoriginarios.com/meso/valle/tlaxcalteca/lienzo.html>. Acesso 10 de agosto de 2020.

NAVARRETE, Federico. *Malinche, la virgen y la montaña: el juego de la identidad en los códices tlaxcaltecas*. História, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 288-310.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas*. Trad. Willian Lagos, Débora Vieira. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SOLAR-FONSECA, León Felipe. Pratt, Mary Louise (2010), *Ojos Imperiales. Literatura de viajes y transculturación*. México: Fondo de Cultura económica. LuminaR, Estudios Sociales y humanísticos, vol. X, núm. 2, julio-diciembre, 2012, pp. 207-210.

SOUZA, Raquel. *Memória e Imaginário*. In: Zilá Bernd (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

